

# Jesus e Nicodemos

(3:1-21)

Segundo relata João 2:13, Jesus foi a Jerusalém a fim de participar da primeira festa de Páscoa do seu ministério. Enquanto estava lá, registra João, ele realizou o primeiro ato público de seu ministério, a purificação do templo. Aos olhos de alguns, essa era uma prova suficiente da sua messianidade. Além desse ato espetacular, Jesus realizou sinais; ou seja, “ele fazia sinais” (2:23). Diferentemente do relato dos acontecimentos ocorridos em Caná, João 2:12-25 não cita nenhum sinal em particular (veja 20:30; 21:25). Esses milagres fizeram com que muitos cressem em Jesus, embora a fé dessas pessoas fosse superficial e não o tipo de fé que realmente as levasse a entender quem era Jesus. Por isso, Jesus “não se confiava a eles”, porque “sabia o que era a natureza humana” (2:24, 25).

No capítulo 3, inicia-se uma conversa entre Jesus e um homem, Nicodemos, que, sem dúvida, havia testemunhado as atividades de Jesus em Jerusalém. Essa é a primeira de muitas conversas de Jesus com indivíduos, incluindo a mulher samaritana (4:1-26), o nobre cujo filho estava enfermo (4:46-53), o paraplégico no tanque de Betesda (5:1-15) e outros. O encontro de Jesus com Nicodemos, que era “mestre em Israel” (3:10), mostra, sobretudo, que Jesus é o Mestre dos mestres.

## A NECESSIDADE DO NOVO NASCIMENTO (3:1-3)

<sup>1</sup>Havia, entre os fariseus, um homem chamado Nicodemos, um dos principais dos judeus. <sup>2</sup>Este, de noite, foi ter com Jesus e lhe disse: Rabi, sabemos que és Mestre vindo da parte de Deus; porque ninguém pode fazer estes sinais que tu fazes, se Deus não estiver com ele. <sup>3</sup>A isto, respondeu Jesus: Em verdade, em verdade te digo

que, se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus.

**Versículo 1.** Certas palavras indicam uma conexão entre o relato de **Nicodemos** e o capítulo anterior. A palavra **homem** (ἄνθρωπος, *anthrōpos*), usada duas vezes em 2:25, se repete em 3:1. No texto original grego, o versículo começa com a conjunção δέ (*de*), que pode significar “e” ou “mas” (omitida na versão RA), enfatizando também a conexão com 2:25. Se a tradução correta dessa conjunção for “e”, então existe uma comparação. Nesse caso, Nicodemos seria o representante dos que creram em Jesus, porém com uma fé superficial. Se *de* for traduzido com a força adversativa de “mas”, então Nicodemos era diferente dos que anteriormente se impressionaram com os sinais e manifestaram uma fé superficial. Nesse caso, Nicodemos teria visto algo mais do que apenas os sinais e buscou um entendimento mais apurado de Jesus. É difícil saber o processo de desenvolvimento espiritual desse mestre. Ele é mencionado somente em João 3:1-21 e 7:45-52, onde defendeu Jesus e em 19:38-42, onde ajudou a sepultar o corpo de Jesus.

Embora o nome “Nicodemos” fosse comum em grego, ele fora transliterado para o hebraico e usado pelos judeus. O historiador Flávio Josefo observou que um judeu rico com esse nome vivia em Jerusalém em 70 d.C., quando Jerusalém foi destruída pelos romanos<sup>1</sup>. Não se sabe se esse Nicodemos era o mesmo citado em João 3. O texto bíblico revela dois fatos importantes sobre o homem que se encontrou com Jesus à noite: ele estava entre os fariseus e era um dos principais dos judeus. Sendo fariseu (veja os comentários sobre 1:24), era

<sup>1</sup> Flávio Josefo, *Antiguidades* 14.3.2 [37].

membro da maior seita judaica da época. Os fariseus se distinguiam dos outros pela observância de ritos exteriores e de expressões de piedade. Quem queria ser considerado religioso naquela época optava por ser fariseu. João disse ainda que Nicodemos era “um dos principais dos judeus”, o que provavelmente significava que ele era um membro do Sinédrio, o mais elevado corpo administrativo dos judeus (veja 7:50; veja os comentários sobre 1:19). Esse corpo, que integrava setenta membros, era presidido pelo sumo sacerdote. Era composto principalmente de saduceus, havendo alguns fariseus entre seus membros. Poder e riqueza acompanhavam essa posição. Descrito como “mestre em Israel” em 3:10, Nicodemos era aparentemente um mestre reconhecido, um homem muito importante e influente.

**Versículo 2.** É desconhecido o motivo por que Nicodemos, **de noite, foi ter com Jesus**. As sugestões são várias: 1) alguns comentaristas dizem que ele procurou Jesus à noite porque temia ser identificado como alguém que se relacionava com ele; no entanto, ao defender Jesus (veja 7:50, 51) e estar presente em seu sepultamento (19:38–40), ele se mostrou corajoso<sup>2</sup>. 2) Outros, observando que João empregou palavras com sentidos diferentes, veem no uso metafórico de “noite” uma sugestão de escuridão moral ou espiritual<sup>3</sup>. 3) Outros ainda propõem que ele se encontrou com Jesus à noite simplesmente para terem uma conversa privada. Os rabinos estudavam e debatiam noite adentro, e esperar até altas horas permitiria que Nicodemos falasse com Jesus sem a interferência de outros. 4) O registro da visita de Nicodemos à noite pode ser “uma simples reminiscência fatural”<sup>4</sup>. A explicação mais razoável é que Nicodemos queria passar algum tempo com Jesus, e a noite era o melhor momento para se fazer isso – um fato que o escritor deste Evangelho lembrou vários anos depois.

Embora Nicodemos também fosse um conceituado mestre (3:10), ele se dirigiu respeitosamente a Jesus como **Rabi** (veja os comentários sobre 1:38). Vindo de Nicodemos, esse termo de tratamento significava mais do que quando proferido

por dois dos discípulos de João (1:38). Convencido pelos sinais que Jesus estava operando em Jerusalém (2:23), Nicodemos foi levado à conclusão de que Jesus era **Mestre vindo da parte de Deus**. Ele entendia que **Deus** deveria estar **com** qualquer homem que fizesse as coisas que Jesus fazia. Embora estivesse sozinho com Jesus, disse: **Sabemos...** Talvez Nicodemos estivesse falando em nome de muitos que creram em Jesus por causa dos **sinais** (2:23). Mais especificamente, ele poderia estar falando em nome de alguns fariseus, ou por alguns membros do Sinédrio que também tinham algum grau de fé em Jesus.

Nesse início da entrevista, Nicodemos não fez nenhuma pergunta. Ele simplesmente observou que a atividade de Jesus era tal que não poderia ser realizada a menos que Deus estivesse com ele. Homer A. Kent Jr. disse que “Nicodemos queria aprender com Jesus sobre o reino messiânico”<sup>5</sup>. Ele deduziu isso do contexto e também das declarações do próprio Jesus. Jesus já havia dado um sinal de sua messianidade ao purificar o templo (veja Malaquias 3:1, 3). Nesse episódio, Jesus fez uma afirmação especial a respeito do seu relacionamento único com Deus (“a casa de meu Pai”; 2:16). Essas coisas aconteceram no templo e não poderiam ter passado despercebidas do Sinédrio.

Além disso, João Batista estivera pregando uma mensagem de arrependimento, dizendo: “... porque está próximo o reino dos céus” (Mateus 3:1–6). A pregação de João (que já tinha sido investigado pelos fariseus; veja 1:19–28), a purificação do templo, a afirmação de Jesus sobre a casa de seu Pai e os sinais que Jesus estava realizando eram suficientes para justificar que a investigação do “mestre em Israel” (3:10). Nicodemos queria saber mais sobre Jesus e o reino. Se era o reino em particular o que Nicodemos tinha em mente, Jesus sabia disso e fez desse tema o assunto principal da conversa (veja 2:25).

**Versículo 3.** Jesus enfatizou a necessidade de **nascer de novo para ver o reino de Deus**. A importância dessas palavras se revela na fórmula solene com a qual ele as apresentou: **Em verdade, em verdade** (veja os comentários sobre 1:50, 51). A ideia de “nascer de novo” é comentada em diversos trechos do Novo Testamento (1:13; 3:3, 5, 7; 1 Pedro 1:23; 1 João 5:1). O verbo traduzido por

<sup>2</sup> Pode ser que a fé e a coragem de Nicodemos cresceram com o tempo, assim como a de José de Arimateia (19:38–40).

<sup>3</sup> D. A. Carson, *O Comentário de João*. Trad. Daniel de Oliveira e Vivian Nunes do Amaral. São Paulo: Shedd Publicações, 2007, p. 187.

<sup>4</sup> F. F. Bruce, *The Gospel of John*. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1983, p. 81.

<sup>5</sup> Homer A. Kent Jr., *Light in the Darkness: Studies in the Gospel of John*. Winona Lake, Ind.: BMH Books, 1974, p. 56.

“nascer” é γεννηθη (*gennēthē*), de γεννώω (*gennaō*), que originalmente significava “gerar” em vez de “dar à luz”; porém a palavra veio a ser usada como uma referência ao ato tanto do pai (“gerar”) como da mãe (“dar à luz”). Nicodemos usou *gennaō* em 3:4, quando não entendeu Jesus; mas o significado é “nascer”. O advérbio “de novo” vem de ἄνωθεν (*anōthen*), que pode ter várias definições: 1) “acima”, ou “de cima” [“do alto”], como em 3:31 e 19:11<sup>6</sup>; 2) “de novo” (3:3, 7); 3) “Desde a origem” ou “desde o princípio” (Lucas 1:3; Atos 26:5). Esta terceira possibilidade não se encaixa no contexto aqui e, conseqüentemente, pode ser descartada. Nicodemos entendeu o que Jesus disse conforme o segundo sentido (3:4); no entanto, como Jesus explicaria depois, “nascer de novo” é experimentar um renascimento “do alto” (3:5).

Apesar de Nicodemos ser um fariseu, uma autoridade entre os judeus, uma pessoa rica, um mestre da lei e uma pessoa de boas obras, ele não poderia “ver o reino de Deus” sem que nascesse do alto. Jesus deixou claro que a posição ou as obras de um indivíduo jamais seriam suficientes para salvá-lo. Até para um homem como Nicodemos, “ver o reino de Deus” exigia um renascimento do alto. Embora o reino seja mencionado com frequência nos Evangelhos Sinóticos, ele só aparece no Evangelho aqui (3:3, 5) e no julgamento de Jesus (18:36). A expressão **não pode ver** é um reflexo do poder de Deus e, ao mesmo tempo, da incapacidade do homem. Por exemplo, um cego não pode ver a beleza das estrelas no alto. Sem nascer do alto, não se pode experimentar, participar ou usufruir dos benefícios do reino. “Ver o reino” equivale a “entrar no reino” (3:5). Isso parece bastante simples, mas a interpretação não é tão direta como se poderia esperar. Parece que o chamado para um novo nascimento faria sentido para Nicodemos, já que ele era um fariseu, e que presumivelmente não aceitou o batismo de João (veja Lucas 7:30) e poucas informações tinha sobre Jesus. Se os ensinamentos de Jesus sobre o novo nascimento eram aplicáveis à situação histórica de Nicodemos, restam as seguintes dúvidas: “o que significa nascer do alto?” e “qual é a identidade do reino de Deus no qual adentramos quando nascemos do alto?”

O significado total de “nascer do alto” se reve-

---

<sup>6</sup>Veja em 19:23 outra ocorrência desse termo no Novo Testamento Grego, que literalmente diz que a túnica de Jesus era “toda tecida desde o alto [*anōthen*]”.

la em 3:5. Significa essencialmente ser feito filho de Deus. No entanto, qual é a identidade desse reino no qual entramos ao nascer do alto? Na mente de Nicodemos, “ver o reino de Deus” era participar do reino messiânico como ele o entendia. Na percepção desse mestre judeu, a natureza do reino era terrena e o reino tinha o potencial de expulsar o Império Romano da terra. Jesus revelou a Nicodemos um reino totalmente diferente, de natureza espiritual.

Distinguem-se aqui pelo menos dois sentidos de um reino espiritual: 1) “reino” (βασιλεία, *basileia*) pode ser usado como um substantivo abstrato referindo-se ao *reino* de Deus. Nesse sentido, significa a soberania, o poder régio ou o domínio de Deus. A expressão exata “o reino de Deus” não aparece no Antigo Testamento, embora várias passagens se refiram ao *reino* de Deus. O reino tem a ver com o governo universal da soberania de Deus: “O SENHOR reinará por todo o sempre” (Êxodo 15:18); “Nos céus, estabeleceu o SENHOR o seu trono, e o seu reino domina sobre tudo” (Salmos 103:19). De modo geral, todos estão sob o reino de Deus; pois ele é soberano e governa tudo. O reino de Deus ou o governo de Deus se manifesta na terra quando as pessoas se submetem a ele em completa obediência à sua vontade. Quando alguém se submete ao governo soberano de Deus, pode-se dizer que Deus governa no coração daquele indivíduo. Isso poderia ser dito sobre o povo de Israel, povos de outras nações ou qualquer pessoa – no passado ou no presente. Parece ser isso o que Jesus disse ao responder aos fariseus que o questionaram sobre a vinda do reino: “Não vem o reino de Deus com visível aparência. Nem dirão: Ei-lo aqui! Ou: Lá está! Porque o reino de Deus está dentro de vós” (Lucas 17:20, 21).

2) A palavra “reino” também pode ser usada como um substantivo concreto referindo-se a um *reino* físico. Nesse sentido, ela descreve um território ou povo sobre o qual um rei exerce domínio. Em João 3:3 e 5 o termo se referia a um reino que não era de natureza terrena nem pertencia a um futuro distante. Esse reino foi predito pelos profetas do Antigo Testamento, como em Daniel 2:44, e foi inaugurado como uma realidade no primeiro Pentecostes após a ressurreição de Jesus dentre os mortos (Atos 2). É um reino composto de súditos fiéis ao Rei que governa o reino. O reino é a igreja pela qual Jesus morreu (Mateus 16:18, 19; Atos 20:28), também referido como um “corpo” cuja

“cabeça” é Jesus Cristo (Efésios 1:22, 23; 5:23). Foi para esse reino que os colossenses foram transportados (Colossenses 1:13; veja Apocalipse 1:9). Esse reino é um lugar de refúgio dos poderes das trevas e o lugar onde se encontram os salvos. Somente quem renasceu pode ver e experimentar esse reino.

### A NATUREZA DO NOVO NASCIMENTO (3:4–12)

**<sup>4</sup>Perguntou-lhe Nicodemos: Como pode um homem nascer, sendo velho? Pode, porventura, voltar ao ventre materno e nascer segunda vez?**  
**<sup>5</sup>Respondeu Jesus: Em verdade, em verdade te digo: quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus. <sup>6</sup>O que é nascido da carne é carne; e o que é nascido do Espírito é espírito. <sup>7</sup>Não te admires de eu te dizer: importa-vos nascer de novo. <sup>8</sup>O vento sopra onde quer, ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo o que é nascido do Espírito. <sup>9</sup>Então, lhe perguntou Nicodemos: Como pode suceder isto? Acudiu Jesus: <sup>10</sup>Tu és mestre em Israel e não compreendes estas coisas? <sup>11</sup>Em verdade, em verdade te digo que nós dizemos o que sabemos e testificamos o que temos visto; contudo, não aceitais o nosso testemunho. <sup>12</sup>Se, tratando de coisas terrenas, não me credes, como creereis, se vos falar das celestiais?**

**Versículo 4.** Nos encontros registrados em João, Jesus muitas vezes fez declarações que geraram mal-entendidos (veja 2:19–21). Isso lhe dava a oportunidade de explicar mais detalhadamente o que ele queria dizer. Ao ouvir que é preciso nascer de novo para ver o reino, **Nicodemos** não entendeu o que Jesus estava dizendo e ficou admirado (3:7). Era inacreditável para Nicodemos que alguém tivesse de passar por tamanha transformação para ver o reino (3:12). Afinal, recomeçar a vida na esfera moral e espiritual parecia fora de questão para um homem como Nicodemos. Dessa perspectiva, ele interpretou que as palavras de Jesus se referiam a um nascimento literal e físico e perguntou: **Como pode um homem nascer, sendo velho? Pode, porventura, voltar ao ventre materno e nascer segunda vez?** Enquanto Nicodemos pensava no âmbito terreno, Jesus pensava no âmbito celestial. Jesus pensava no renascimento efetuado pelo poder de Deus nas alturas, mas Nicodemos estava tentando entender como alguém poderia entrar novamente

no ventre de sua mãe por meios físicos.

**Versículo 5.** Nicodemos não entendeu a declaração em 3:3, por isso **Jesus** repetiu a ideia de uma maneira diferente. Ele empregou a sua típica introdução solene **em verdade, em verdade**. A seguir, em vez de dizer “não pode ver o reino de Deus”, como fez em 3:3, Jesus disse: **não pode entrar no reino de Deus**. O significado é o mesmo, pois “ver” (“participar”, “tomar parte” ou “experimentar”) equivale a “entrar”. A principal diferença na declaração de Jesus nesses dois versículos é a mudança do verbo “nascer de novo” (ou “nascer do alto”) para **nascer da água e do Espírito**. As duas expressões se referem ao mesmo ato, mas a segunda tem sido objeto de várias interpretações.

Visto que 3:6 fala de dois nascimentos (um da carne e outro do Espírito), alguns comentaristas concluíram que Jesus estava se referindo a dois nascimentos distintos – um natural (“da água”) e um sobrenatural (“do Espírito”). De acordo com essa interpretação, pode-se entender “água” literalmente, como o líquido amniótico que acompanha o nascimento físico de um bebê, ou figuradamente, como o sêmen de um homem. Essa visão é insustentável, como mostrou D. A. Carson, quando comentou que “não há fontes antigas que retratem o nascimento natural como o ‘da água’, e as poucas que usam ‘gotas’ para representar sêmen são raras e tardias”<sup>7</sup>. Além disso, é improvável que Jesus estivesse dizendo que, para nascer de novo, é necessário primeiro nascer fisicamente. A expressão ἐξ ὕδατος καὶ πνεύματος (*ex hudatos kai pneumatatos*), traduzida literalmente por “de água e Espírito”, usa dois substantivos sem artigos unidos como objetos pela preposição *kai*. A importância dessa construção é que “água” e “Espírito” não são tão inteiramente separados a ponto de não terem relação um com o outro; eles são aspectos ou elementos de um único conceito. Jesus estava descrevendo *um nascimento* que consiste de dois elementos.

Considerando que Jesus se referiu a um só nascimento, quais são seus dois elementos? Quais são os papéis desses elementos no novo nascimento? Já foi dito que é necessário nascer de novo do alto para entrar no reino e que Jesus estava falando simplesmente de um processo de nascimento que envolve água e o Espírito (3:3, 5). Examinando passagens do Antigo Testamento relacionadas

<sup>7</sup> Carson, p. 192.

a esse tema, entenderemos o que Jesus quis dizer com “nascer da água e do Espírito”. Nicodemos foi repreendido por ser “o mestre em Israel”, mas não entender o que Jesus dizia (3:10). Se Nicodemos deveria entender o que Jesus estava dizendo por causa do seu conhecimento prévio do Antigo Testamento, deduzimos que o Antigo Testamento deve ter alguma relevância para essa questão.

Embora a expressão exata “nascido da água e do Espírito” não apareça no Antigo Testamento, os conceitos estão presentes. O Espírito é, na maioria das vezes, citado como algo que é derramado sobre seres humanos (Isaías 32:15–20; 44:3; Ezequiel 39:29). A profecia de Joel sobre o Espírito sendo derramado em Joel 2:28 cumpriu-se em Atos 2. No Antigo Testamento, a água é usada no sentido figurado com referência à renovação e purificação. Em Ezequiel 36:25–27, Deus, por meio do profeta, predisse o que aconteceria a Israel, um dia, quando o povo decidisse deixar o pecado e voltar-se para Deus:

Então, aspergirei água pura sobre vós, e ficareis purificados; de todas as vossas imundícias e de todos os vossos ídolos vos purificarei. *Dar-vos-ei coração novo e porei dentro de vós espírito novo; tirarei de vós o coração de pedra e vos darei coração de carne. Porei dentro de vós o meu Espírito e farei que andeis nos meus estatutos, guardeis os meus juízos e os observeis (grifo meu).*

Denny Petrillo fez o seguinte comentário sobre essa passagem: “A figura da aspersão de água refere-se às lavagens cerimoniais que removiam a impureza”. Ele também salientou que o texto “se refere a uma purificação divina, e não cerimonial”<sup>8</sup>. Falando em nome de Deus, Ezequiel também disse: “...porei dentro de vós espírito novo” (Ezequiel 36:26) e “porei dentro de vós o meu Espírito” (Ezequiel 36:27). Segundo Ezequiel, água e espírito andam juntos, sendo que a água representa a purificação e o espírito indica uma nova vida, ou seja, uma mudança interna no espírito que deve acompanhar a lavagem com água. Embora essa passagem se referisse primariamente à nação de Israel, estava inclusa uma aplicação secundária a indivíduos. Ezequiel 36:25 possivelmente era usado para autorizar o batismo de prosélitos<sup>9</sup>. Este

<sup>8</sup>Denny Petrillo, *Ezequiel – Parte 5. A Verdade para Hoje*. Disponível em [www.biblecourses.com](http://www.biblecourses.com). Veja Êxodo 30:17–21; Levítico 14:52; Números 19:17–19; Salmos 51:7; Tito 3:5, 6; Hebreus 9:13, 19; 10:22.

<sup>9</sup>Bruce, p. 84.

texto enfatiza, portanto, tanto a água como o espírito. Isto não quer dizer que João 3:3 e 5 cumpriu a passagem de Ezequiel ou de outras Escrituras do Antigo Testamento; indica simplesmente que Nicodemos deveria conhecer esses conceitos de água e espírito. Sendo conhecedor do livro de Ezequiel, Nicodemos deveria ter pelo menos entendido que era necessário ocorrer uma experiência espiritual associada ao arrependimento (ou seja, uma mudança de espírito) para que Deus reinasse na vida de uma pessoa. Aparentemente, Nicodemos nunca pensara na passagem de Ezequiel dessa maneira. Sendo fariseu, ele provavelmente confiava na própria retidão, sem levar em conta a necessidade ter a vida purificada e o coração transformado.

Da perspectiva do Antigo Testamento, há que se fazer três perguntas. 1) Qual é a importância da palavra “água”? 2) A palavra “espírito” deveria ser grafada com inicial maiúscula, referindo-se ao Espírito Santo, ou com inicial minúscula, referindo-se à transformação da vida individual? 3) Como se “nasce da água e do Espírito”?

Nicodemos devia estar familiarizado com o processo batismal. No batismo de um prosélito, quando um gentio se convertia ao judaísmo, ele se batizava. Espiritualmente falando, após o batismo, ele era considerado um recém-nascido. João estava batizando pessoas no deserto em preparação para a vinda do Messias (1:31). João batizava com água e identificou Jesus como aquele que batizava com o Espírito Santo (1:33). O batismo de João era de arrependimento e era necessário para a remissão de pecados (Marcos 1:4). Essa pregação foi anunciada primeiramente por João Batista e depois por Jesus e seus discípulos. Em 3:22, imediatamente após a conversa com Nicodemos, Jesus partiu para a terra da Judeia. Os discípulos de Jesus estavam batizando nessa região (veja 4:2), enquanto João batizava em Enom, perto de Salim (3:23). Essas duas atividades concomitantes suscitaram uma reclamação da parte dos discípulos de João sobre o que Jesus estava fazendo (3:26). João estava pregando sobre uma renovação espiritual que era efetuada pelo batismo e Jesus e seus discípulos estavam pregando essencialmente a mesma coisa. Os textos afins apoiam a visão de que o renascimento em João 3 é uma referência ao batismo. Embora muitos dos fariseus rejeitassem o batismo de João (Lucas 7:29, 30), a referência a “água” certamente poderia ter trazido à mente de Nicodemos o conceito de batismo.

Se “água” é uma referência a batismo, então a que batismo ela se refere: ao batismo de João ou ao da grande comissão (veja Mateus 28:18–20)? O batismo de João estava causando um impacto profundo em Israel naquela época. Além desse batismo estar ligado ao arrependimento e à remissão de pecados (Marcos 1:4), ele era necessário para que o indivíduo entrasse em uma nova vida espiritual. Se era para Nicodemos se submeter a uma exigência batismal que resultaria em renovação espiritual, o batismo em questão só podia ser o de João. Nicodemos não poderia se submeter ao batismo da grande comissão porque este ainda não estava em vigor. Além disso, os que foram batizados com o batismo da grande comissão foram acrescentados à igreja (Atos 2:41, 47); e a igreja, o reino (Colossenses 1:13, 18), só viria a ser estabelecida no primeiro Pentecostes após a ressurreição de Jesus (Atos 2). Tudo isso só aconteceu depois da instrução que Jesus deu a Nicodemos. Nicodemos não poderia ser batizado para entrar no “reino” que ainda seria inaugurado; porém, ele, assim como outros que ouviram e obedeceram à pregação de João, poderiam se submeter ao ensino de Jesus e assim se sujeitar ao *reinado ou domínio* de Deus que já se fazia presente naquele momento.

O novo nascimento mencionado por Jesus estava relacionado aos requisitos para se entrar no reino regido por Deus tão logo se estabelecesse. Embora o ensino de Jesus sobre o novo nascimento só pudesse ser plenamente compreendido no futuro, talvez Nicodemos tivesse entendido que Jesus se referia ao batismo de João. Não parece haver motivo para os contemporâneos de Jesus não terem entendido que o seu ensino estava em conformidade com o batismo de João, e, tempos depois, em ca. 85 d.C., os primeiros leitores do Evangelho de João terem entendido que o batismo era o da grande comissão. O batismo de João poderia ser concebido como uma prefiguração do batismo da grande comissão. Em muitas ocasiões, como se vê neste Evangelho, Jesus pronunciou verdades que só puderam ser totalmente compreendidas, aplicadas ou vivenciadas após a sua glorificação, ou seja, após a sua morte, ressurreição e exaltação. Os primeiros leitores do Evangelho de João certamente relacionaram, de imediato, o ensino de Jesus sobre o novo nascimento com o batismo da grande comissão e da igreja, que já estava estabelecida. Semelhantemente, apesar de João 6 não ser sobre a ceia do Senhor, é previsível que os leitores cristãos,

cinco décadas após o episódio, detectassem nessa narrativa alguns conceitos paralelos ao memorial que celebravam semanalmente (veja os comentários sobre 6:51–54). Jesus não esperava que Nicodemos entendesse o batismo da grande comissão, mas que ele relacionasse a linguagem batismal de Ezequiel com a mudança interna de espírito que precisava ocorrer. Era esse o resultado em quem era batizado por João. Se Nicodemos e outros tivessem obedecido à palavra pregada por João, o reino (no sentido de um *reinado*) estaria dentro deles. Deus estaria governando suas vidas. Hoje, assim que uma pessoa obedece à mensagem do evangelho, além de se instalar nela o reino (o *reinado* de Deus), ela também é acrescentada ao reino, enquanto *domínio* de Deus.

A próxima pergunta a ser respondida é: a palavra “espírito” deve ser grafada com inicial maiúscula, referindo-se ao Espírito Santo, ou inicial minúscula, referindo-se à transformação na vida do indivíduo? Parece claro na passagem de Ezequiel que “água” e “espírito” estão ligados ao ato de Deus purificar seu povo, o que resulta numa mudança interna de espírito. De acordo com Carson, em João 3:5, o foco de “*nascer da água e do Espírito... é sobre a concessão da natureza de Deus como ‘espírito’ [cf. 4:24], não sobre o Espírito Santo como tal*”<sup>10</sup>. No que diz respeito à situação de Nicodemos, isso parece possível; mas, considerando as demais referências ao Espírito no Evangelho de João, provavelmente o autor queria que seus leitores entendessem que se tratava do “Espírito Santo”. No versículo seguinte, Jesus disse que é “o Espírito” quem dá à luz [ou faz nascer] o “espírito” (3:6). O Espírito Santo de Deus faz surgir a nova natureza, a natureza espiritual relacionada a Deus. Alguns podem objetar que nada é dito sobre a concessão do Espírito Santo em João 3:5. E 7:39 diz que “o Espírito até aquele momento não fora dado, porque Jesus não havia sido ainda glorificado”. O Espírito não seria dado antes da morte, ressurreição e exaltação de Jesus. Isso também aconteceu no primeiro Pentecostes após a ressurreição de Jesus dentre os mortos. Foi nesse dia que o batismo da grande comissão começou a ser realizado e o Espírito Santo foi dado aos que foram batizados (Atos 2:38; veja Atos 5:32; Gálatas 4:6). O Espírito está claramente envolvido no novo nascimento, e o Espírito é dado aos que obedecem à mensagem

<sup>10</sup> Carson, p. 196.

do evangelho.

Nicodemos não poderia experimentar o novo nascimento no mesmo instante em que Jesus proferiu sua mensagem. Jesus estava explicando o que haveria de experimentar todo aquele que entrasse no reino (a igreja) quando este viesse a se estabelecer, isto é, quando o reino fosse estabelecido como um *domínio*. Jesus nasceu para ser Rei e pregou sobre o seu reino vindouro (Mateus 4:17; 12:28), mas foi somente após a sua morte que esse reino tornou-se uma realidade (Atos 2). Nicodemos não poderia experimentar o novo nascimento quando falou com Jesus, mas poderia e deveria sofrer uma renovação espiritual submetendo-se ao batismo de João. É possível que, em algum momento, ele tenha feito isso.

Outra pergunta que esta passagem suscita é: “Como alguém ‘nasce da água e do Espírito?’” Apesar de Nicodemos certamente estar familiarizado com a ideia do batismo com água, Jesus acrescentou outro elemento. Ele falou de algo do alto – a saber, o Espírito. Embora haja continuidade entre o batismo de João e o batismo de Jesus (a necessidade de “água”), também há um contraste entre os dois (a necessidade do “Espírito”). Assim como o indivíduo é salvo por Deus e por Cristo, ele também é salvo pelo Espírito Santo. Isso não quer dizer que o Espírito opere no coração do indivíduo isoladamente das Escrituras. Ninguém pode experimentar o novo nascimento pela água e pelo Espírito sem a Palavra.

É necessária a presença de pelo menos dois elementos para que ocorra qualquer nascimento. Primeiramente, é preciso haver a concepção por meio de uma semente. No nascimento espiritual, a semente é “a palavra de Deus” (Lucas 8:11). “Pois, segundo o seu querer, ele nos gerou pela palavra da verdade, para que fôssemos como que primícias das suas criaturas” (Tiago 1:18; veja 1 Pedro 1:23). A concepção ocorre quando o indivíduo crê (1 João 5:1). Em segundo lugar, deve haver uma entrega. O processo do nascimento espiritual se conclui quando o indivíduo responde com fé obediente e “nasce da água”. A preposição na frase “nascer da água” significa “de dentro para fora”, sugerindo do interior para fora. Isso remete a um batismo em que o indivíduo é sepultado e depois ressuscitado em novidade de vida (Romanos 6:4).

Nada do que foi dito em João sugere que a pessoa é salva pela água. Todos são salvos pelo sangue de Jesus (Efésios 1:7); mas o sangue de Jesus é

alcançado quando a pessoa entra na “água”, pois é no batismo que se entra em contato com o sangue de Jesus (Romanos 6:3, 4). Neste simples ato de fé obediente, a pessoa nasce não só da “água” da qual ele sai, mas também do “Espírito”, sendo regenerado pela ação de Deus naquele exato momento (veja Tito 3:5). O resultado final é que todos nós nascemos “de novo” do “alto”. Nicodemos precisava saber que nem ele nem ninguém poderia ser justificado diante de Deus por obras de justiça humana. Nicodemos poderia ser apresentado justo perante Deus submetendo-se ao governo de Deus naquele momento, permitindo que Deus *reinasse* em sua vida. Ele poderia fazer isso respondendo com submissão à pregação e ao batismo de João. Hoje, somos apresentados justos perante Deus quando nos submetemos aos ensinamentos de Jesus a respeito do novo nascimento.

**Versículos 6 e 7.** Um princípio fundamental é que tudo se reproduz segundo a própria espécie (veja Gênesis 1:24, 25). Nascimentos naturais de seres humanos produzem seres humanos, pessoas que pertencem à espécie humana. Aquilo que é terreno (**carne**) só pode dar origem a algo terreno (**carne**). Jesus estava falando a Nicodemos de um reino espiritual e do nascimento espiritual que é necessário para se entrar nesse reino. Guy N. Woods foi claro sobre esta verdade:

A carne produz vida carnal; o Espírito gera vida espiritual. Nicodemos, até então, só conhecia o primeiro; o segundo, ele precisaria experimentar antes de poder entrar e desfrutar as bênçãos e benefícios do reino. A lei *semelhante gera semelhante* era e é universal e Nicodemos já deveria tê-la percebido, em vez de se admirar. Ela é tão imutável quanto a lei da gravidade.<sup>11</sup>

Dado o princípio de que “semelhante gera semelhante”, Nicodemos não deveria ter se **admirado** com o ensino do novo nascimento. Na conversa com Nicodemos, Jesus enfatizou qual era a ideia principal, dizendo: **Importa-vos nascer de novo**. Jesus usou o plural “vos” em vez do singular “te”, usado em 3:3 e 5. O plural pode sugerir a presença de outros além de Nicodemos nessa ocasião, mas provavelmente indica que as palavras de Jesus se aplicavam não só a Nicodemos, mas também às pessoas em geral.

**Versículo 8.** Tem se popularizado o entendi-

<sup>11</sup> Guy N. Woods, *A Commentary on the Gospel According to John*, New Testament Commentaries. Nashville: Gospel Advocate Co., 1981, p. 62.

mento de que este versículo se refere ao Espírito ou ao nascimento do Espírito, como se este surgisse de um modo “misterioso”<sup>12</sup>. A palavra πνεῦμα (*pneuma*), geralmente traduzida por “espírito”, aparece duas vezes em 3:8. Na maioria das versões, a primeira ocorrência desta palavra foi traduzida por **vento**. A terminologia usada nesta passagem deve ser examinada com cuidado. A palavra *pneuma* pode ter mais de um significado. Neste contexto, pode ser traduzida por “espírito” com um inicial minúscula, por “Espírito” com inicial maiúscula ou por “vento”. O leitor pode ficar perplexo ao saber que uma palavra tem significados diferentes na mesma frase, como em João 3:8. A única outra ocorrência de *pneuma*, que significa “vento” no Novo Testamento, está em Hebreus 1:7, citando o Salmo 104:4. A palavra grega mais comum para “vento” é ἄνεμος (*anemos*; veja Mateus 7:25, 27). **Voz** vem de φωνή (*fōnē*), um sufixo presente em palavras como “telefone”, “megafone” e “microfone”. É a palavra comum para o som de uma voz, humana ou divina, bem como para qualquer tipo de ruído. Além da possibilidade de que 3:8 se refira ao “espírito”, não há nenhuma outra ocorrência de *pneuma* traduzido por “voz”.

**Sopra** vem do verbo πνέω (*pneō*), usado em seis outras referências no Novo Testamento e sempre se refere ao sopro do vento. Jack P. Lewis resumiu-o desta forma:

A ausência do uso de *pneuma* com o verbo *pneō*, em outros versículos do Novo Testamento, a ausência de um paralelo de *pneō*, do Novo Testamento, que signifique “respirar” (apesar da singularidade de *pneuma*, que não ocorre em outro lugar no Novo Testamento com o significado de “vento”) e a dificuldade de conceber a voz do Espírito de Deus é o que tira as pessoas do “Espírito” em João 3:8 em direção ao “vento”. Tudo o que se diga nesse versículo é comparado a características do vento.<sup>13</sup>

A chave para entender o que está sendo comparado com o vento encontra-se na frase **assim é todo o que é nascido do Espírito**. A expressão πᾶς ὁ (*pas ho*), “todo o que”, identifica uma pessoa e não um procedimento. Nem o Espírito, nem o nascimento do Espírito é o antecedente dessa expressão; é quem é nascido do Espírito que está sendo comparado. A passagem não está falando da elei-

ção de Deus; nem do Espírito; não está falando do nascimento do Espírito; *está falando de quem é nascido do Espírito*. Todos os que experimentaram o novo nascimento têm algo em comum com o vento. Assim como não se pode explicar o vento e seus efeitos, tampouco se pode realmente explicar a mudança que ocorre na vida de quem vive um novo nascimento. Edwyn Clement Hoskyns comentou: “O que são os nascidos do Espírito, de onde vêm e para onde vão são fatos incompreensíveis para o mundo; tão incompreensíveis quanto o próprio Jesus é para os judeus [8:14]”<sup>14</sup>. A experiência do novo cristão não é compreensível segundo os conceitos mundanos (veja Atos 26:24; 1 Coríntios 2:14). É difícil para quem está “olhando de fora” entender a mudança que ocorre em quem é nascido da água e do Espírito. O indivíduo que “nasceu de novo” mostra por atitudes, palavras e ações que algo incrível lhe aconteceu.

**Versículos 9 e 10. Nicodemos** permaneceu confuso e fez uma última pergunta: **Como pode suceder isto?** Em outras palavras, ele disse: “Como essas coisas podem acontecer?” Sendo **mestre em Israel**, ele deveria saber e certamente ensinava seus alunos a ter um bom relacionamento com Deus. Ele deveria ter percebido que ninguém pode agradar a Deus por meio de meros rituais nem por mérito ou justiça humana. Disso os profetas haviam testificado (veja, por exemplo, Isaías 64:6; Oseias 6:6; Miqueias 6:6–8). Mesmo após a explicação de Jesus, Nicodemos julgou incrível que esse nascimento fosse necessário ou possível. A sugestão de que ele ainda não estava no reino, apesar de ter nascido judeu, era demais para ele aceitar. Embora os detalhes do novo nascimento fossem novos para ele, não deveria tê-lo considerado impossível – especialmente porque ele era “mestre” ladeado por outros renomados entre os judeus.

Nisto termina o diálogo entre Jesus e Nicodemos. A conversa deles se funde num monólogo de Jesus a partir do versículo 11. Nicodemos exemplificou o mal-entendido dos judeus sobre a necessidade de um nascimento espiritual do alto. Se ele teve ou não outros encontros com Jesus, vindo a se tornar, por fim, um discípulo, não sabemos. Contudo, isto parece provável, visto que ele falou em defesa de Jesus em 7:45–52 e prestou assistência em seu sepultamento em 19:38–42.

<sup>12</sup>Jack P. Lewis, “Does ‘the Wind Blow’ or ‘the Spirit Breathe?’” *Freed-Hardeman University Lectures*. 2008, p. 185. Os comentários aqui se baseiam nos estudos de Lewis.

<sup>13</sup>Ibid., p. 184.

<sup>14</sup>Edwyn Clement Hoskyns, *The Fourth Gospel*, 2a. ed. Londres: Faber and Faber, 1947, p. 215.

**Versículo 11.** Pela terceira e última vez em João, Jesus introduziu uma declaração empregando a fórmula solene **em verdade, em verdade**, que expressa a importância do que ele diria a seguir. As coisas que Jesus estava dizendo a Nicodemos não eram suposições. Jesus tinha pleno conhecimento do que estava afirmando. Em 3:11, ele deixou de aplicar sua mensagem diretamente a Nicodemos para aplicá-la ao povo em geral (como também fez evidentemente na última parte de 3:7), dizendo: **nós dizemos o que sabemos e testificamos o que temos visto; contudo, não aceitais** [“vós”, plural] **o nosso testemunho**. É difícil definir a identidade do plural “nós”. Jesus usou o “nós” editorial, ou seja, significando “eu”? Ele estava se identificando com os discípulos? Estava mimetizando o plural usado por Nicodemos logo que chegou até Jesus (3:2)? Embora a ênfase do versículo esteja no conhecimento e testemunho do próprio Jesus, ele empregou “nós” para expressar sua parceria com outros. Jesus não estava isolado. Outros sabiam e testemunharam o que viram. O verdadeiro testemunho acerca de Jesus é sempre o mesmo – seja nas próprias palavras de Jesus (3:32), nas de João, um homem enviado por Deus para dar testemunho de Jesus (1:7, 32), seja nos discípulos (15:27). Todos estes deram testemunho da necessidade humana de ter um relacionamento genuíno com Deus.

Na frase “não aceitais”, Jesus mudou a direção do seu discurso de Nicodemos para o povo judeu em geral – o que fica evidente na tradução da NVI: “Vocês não aceitam” (grifo meu). Em sua maioria, os judeus não haviam sido persuadidos pelo testemunho de João Batista e demonstravam ter apenas uma fé superficial em Jesus, baseada nos sinais que ele operava. Nem Nicodemos havia demonstrado ter uma fé genuína nas palavras de Jesus; por isso Jesus lhe disse: “Vocês não aceitam o nosso testemunho” (NVI).

**Versículo 12.** Jesus retomou o singular (eu) em 3:12, chamando a atenção para o testemunho que ele mesmo havia dado a Nicodemos. Esse líder judeu não havia crido no testemunho de Jesus sobre **coisas terrenas**; como haveria de crer em Jesus com respeito às coisas **celestiais**? Entende-se “coisas terrenas” como uma referência ao discurso recém proferido sobre o novo nascimento. Pode-se contestar que, se “nascer da água e do Espírito” (3:5) envolve uma atividade do alto (3:3), esse nascimento deveria se referir a “coisas celestiais”. No

entanto, o novo nascimento é da terra no sentido de acontecer na terra e os humanos são os que renascem. “Coisas celestiais” refere-se ao ensino de uma ordem superior, com conceitos mais profundos. Se Nicodemos e outros não podiam crer em coisas elementares como o novo nascimento, como poderiam crer em ensinamentos mais avançados? Mas, afinal, quais seriam esses ensinamentos mais avançados (“coisas celestiais”) aos quais Jesus fez alusão? Possivelmente, ele se referia à exposição subsequente, em que falou de sua vinda do céu e de sua obra redentora ao reconciliar o mundo com Deus.

### A BASE DO NOVO NASCIMENTO (3:13–18)

<sup>13</sup>Ora, ninguém subiu ao céu, senão aquele que de lá desceu, a saber, o Filho do Homem [que está no céu]. <sup>14</sup>E do modo por que Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o Filho do Homem seja levantado, <sup>15</sup>para que todo o que nele crê tenha a vida eterna.

<sup>16</sup>Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna. <sup>17</sup>Porquanto Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para que julgasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele. <sup>18</sup>Quem nele crê não é julgado; o que não crê já está julgado, porquanto não crê no nome do unigênito Filho de Deus.

**Versículo 13.** Jesus estivera expondo a Nicodemos a necessidade e a natureza do novo nascimento. A seguir, o Senhor começou a discutir como se dá o novo nascimento. Nascer de novo era possível graças à completa revelação de Jesus Cristo e à reconciliação dos seres humanos com Deus. Jesus mesmo pôde falar com autoridade sobre as “coisas celestiais” em 3:12. E em 3:13, ele acrescentou: **Ninguém subiu ao céu**. No texto original, o versículo começa com o conectivo “e”, *καί* (*kai*, “e”). Essa conjunção indica que Jesus estava acrescentando mais dados às informações fornecidas anteriormente. Nenhum ser humano conhece em primeira mão as coisas celestiais. Só Jesus pode falar com autoridade sobre esses assuntos; pois ele é o que **desceu** do céu, seu lar original, de onde veio como **o Filho do Homem** (veja os comentários sobre 1:50, 51). Por essa razão, Jesus está qualificado para transmitir uma mensagem celestial ao homem. As palavras entre colchetes, “que está no céu”, não

constam de alguns manuscritos mais confiáveis, provavelmente, devendo ser omitidas, como fazem várias versões (NAA; NVI)<sup>15</sup>.

**Versículos 14 e 15.** Depois de alegar ter autoridade para falar das coisas celestiais, Jesus começou a expor a base do novo nascimento. Os versículos 14 a 17 deixam claro que o novo nascimento é possível graças a três bênçãos: *o sacrifício de Jesus, o amor de Deus e a fé do homem*. Jesus comparou sua futura morte por crucificação com o ato de Moisés levantar **a serpente no deserto** (veja Números 21:4–9). Enquanto peregrinavam pelo deserto, os israelitas falaram mal de Deus a Moisés. E por causa dessa queixa, Deus mandou entre o povo serpentes venenosas. O povo confessou seus pecados e implorou a Moisés que pedisse a Deus que retirasse as serpentes. Deus instruiu Moisés a fazer uma serpente de bronze e colocá-la num poste. Todo israelita picado pelas serpentes viveria, desde que olhasse para a serpente que **Moisés levantara** no poste. Somente os que creram em Deus e se submeteram à sua vontade sobreviveram.

Semelhantemente, **o Filho do Homem** deveria **ser levantado**. Assim como Deus proveu um meio para os filhos de Israel sobreviverem fisicamente, ele proveu um meio para todas as pessoas sobreviverem espiritualmente mediante *o sacrifício de Seu Filho*. Era necessário que Jesus fosse levantado, como expressa a palavra *deî* (*dei*), que significa “importa, deve”. “Levantado” traduz uma flexão do verbo *ὑψόω* (*hupsōō*), que aqui e em outros trechos de João se refere a Jesus sendo fisicamente levantado na cruz (veja 8:28; 12:32, 34). Também pode se referir à exaltação de um soberano (veja Atos 2:33; 5:31). Dado o uso de palavras com significados múltiplos em João, deve-se entender “levantado” englobando a morte, o sepultamento, a ressurreição, a ascensão e a glorificação de Jesus. É um paradoxo a notória morte de um criminoso ser a maneira como Jesus manifestou sua glória.

O propósito da morte de Jesus era dar vida aos que cressem: **para que todo o que nele crê tenha a**

---

<sup>15</sup> Alguns grupos religiosos encontram apoio nesse versículo para alegar que Jesus estava na terra e no céu ao mesmo tempo. Essa alegação é usada por eles para ilustrar a onipresença de Jesus e é a principal objeção deles ao conceito de três pessoas distintas comporem a Divindade, conceito este fundamentado no relato do batismo de Jesus (Mateus 3:13–17). Como já observamos, essa frase nem deveria ser incluída no texto. E, se incluída, pode ser uma referência que o próprio João escreveu acerca da ascensão de Jesus após sua ressurreição.

**vida eterna.** A versão inglesa NASB traduz “nele” (*ἐν αὐτῷ*, *en autō*) modificando “vida eterna” em vez de “crê”, ou seja, “todo o que crê tenha vida eterna nele”. Mas João usou regularmente *εἰς αὐτὸν* (*eis auton*) em conexão com crer (veja 3:16). Esta é a primeira vez que a “vida eterna” (*ζωὴν αἰώνιον*, *zōēn aiōnion*) é mencionada neste Relato do Evangelho. A palavra “eterna” é sempre usada para “vida” em João e se refere principalmente à “era [*αἰών*, *aiōn*] por vir” (veja Mateus 12:32; Marcos 10:30; Lucas 18:30), quando os crentes se unirão a Jesus ressuscitado. A era por vir nunca terá fim; a vida nessa era eterna jamais terminará (veja os comentários sobre 5:24). Assim como não haveria vida física sem que os feridos cressem e se submetessem à instruções divinas olhando para a serpente de bronze, não há vida espiritual para o ser humano sem que ele *responda com fé* ao gracioso dom do Filho de Deus. O diálogo entre Jesus e Nicodemos evidentemente chegou ao fim em 3:10 e se fundiu num monólogo de Jesus a partir de 3:11. A última pergunta de Nicodemos – “Como pode suceder isto?” (3:9) – foi respondida. Pode-se experimentar o novo nascimento e entrar no reino submetendo-se humildemente à obra salvadora de Jesus Cristo. Se Nicodemos entendeu totalmente isto que Jesus lhe expôs é um mistério.

**Versículo 16.** Os textos antigos não usavam divisões de palavras, aspas, nem qualquer outra pontuação ou recurso para demarcar o começo e o fim de uma fala ou de uma citação. Sendo assim, cabia ao leitor concluir, com base nas evidências, onde terminava cada discurso. Todos os estudiosos concordam que, João, de tempos em tempos, incluiu no texto suas próprias reflexões, porém não há um consenso sobre onde elas começam e terminam. No presente contexto, Jesus começou seu monólogo em 3:11; mas não está claro onde termina a sua mensagem. Visto que o epíteto “o Filho do Homem” é usado apenas por Jesus nos Relatos do Evangelho, o ponto de divisão parece ser depois de 3:15. As edições da Bíblia com as falas de Jesus em vermelho continuam o discurso de Jesus até 3:21. Todavia, visto que 3:16 fala do passado, parece seguro concluir que João inseriu aqui suas próprias reflexões, continuando até 3:21.

O novo nascimento é possível graças ao *amor de Deus*. João 3:16 tem sido devidamente chamado de “o texto áureo” das Escrituras. Se algum versículo resume o amor insondável de Deus, é este. **Porque** (*γάρ*, *gar*) conecta esta declaração com o

pensamento anterior, apresentando o motivo pelo qual o Filho do Homem seria “levantado”: o amor de Deus.

**Deus amou o mundo.** Pode-se imaginar os judeus pensando que o amor de Deus se restringia a Israel, mas essa passagem deixa claro que o amor de Deus não se restringe a nenhuma raça. Ele é universal, abrange a todos. Seu amor pelo mundo não é porque o mundo é amável; pelo contrário, o mundo é detestável. A humanidade é composta de ímpios, pecadores e inimigos de Deus (veja Romanos 5:6, 8, 10). O amor de Deus pelo mundo se revela em ter ele dado o seu único Filho, Jesus Cristo (veja os comentários sobre 1:14, 18).

O advérbio οὕτως (*houtōs*), traduzido pela expressão **de tal maneira** indica o grau ou a intensidade do amor de Deus. Seu amor pela humanidade custou-lhe a morte de seu próprio Filho (veja Efésios 3:17–19). Como advérbio de modo, o sentido de *houtos* seria “desta forma” ou “desta maneira”. Assim como o amor de Deus por Israel moveu-o a salvar o povo da morte física através das instruções que ele deu a respeito da serpente de bronze, seu amor o motiva a salvar da morte espiritual todos que olham para Jesus, seu Filho, o qual foi levantado. Deus não só deu o **Seu Filho unigênito** ao enviá-lo ao mundo, mas também O deu para ser levantado – para morrer na cruz – por todas as pessoas (veja 12:32).

O amor de Deus espera uma *resposta de fé*. Ele quer que cada pessoa creia nele (εἰς αὐτόν, *eis auton*). O novo nascimento requer fé. “Sem fé é impossível agradar a Deus” (Hebreus 11:6). Sem fé “nascer da água e do Espírito” não faria sentido, ou até seria impossível. Essa fé deve levar o crente a se submeter humildemente à vontade de Deus e fazer o que ele ordena em sua Palavra. O contexto dessa passagem ensina que essa fé é obediente. Assim como os israelitas tiveram que crer e olhar para a serpente de bronze para viver, hoje temos que crer em Jesus com uma fé obediente. A fé que salva é a fé que obedece (14:15; Tiago 2:14–26).

Os grupos religiosos que rejeitam o papel do batismo na remissão de pecados às vezes argumentam que João 3:16 não menciona o batismo, mas somente a fé como requisito para a salvação. Esse versículo também não menciona outros requisitos para o indivíduo ser aprovado por Deus, como o arrependimento. Se o batismo pudesse ser rejeitado por não constar em João 3:16, então, pelo mesmo raciocínio, o arrependimento também po-

deria. Evidentemente, o arrependimento é apresentado como um requisito em outras passagens do Novo Testamento (Lucas 13:3, 5; 24:47; Atos 2:38; 3:19; 17:30); o mesmo se aplica ao batismo (Marcos 16:15, 16; Atos 2:38; 22:16; Romanos 6:3, 4; Gálatas 3:26, 27; 1 Pedro 3:20, 21). Anteriormente em João 3, Jesus afirmou claramente que “quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus” (3:5).

O propósito do dom [dádiva] do Filho de Deus é declarado com uma negação e uma afirmação (veja 1:3): para que todo o que crê em Jesus **não pereça, mas tenha a vida eterna**. “Perecer” (ἀπόλληται, *apolētai*) contrasta fortemente com ter “a vida eterna”. João não oferece nenhum meio-termo entre crer e se negar a crer em Jesus. Crer no Filho resulta em vida, ao passo que se negar a crer no Filho resulta em perdição. Dado o contraste entre “perecer” e “ter a vida eterna”, é razoável concluir que perecer também é por toda a eternidade. A perdição e punição dos que se negarem a crer é ensinada explicitamente em outras passagens (Mateus 25:46; 2 Tessalonicenses 1:8). Este “perecer” não significa ser aniquilado, e sim passar a eternidade no inferno, separado de Deus e de Cristo.

**Versículo 17.** Mais uma vez, João usou o artifício literário de uma negação seguida por uma afirmação correspondente: **Porquanto Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para que julgasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele**. Alguns veem uma contradição disto com 9:39, que diz: “Eu vim a este mundo para juízo...”. É claro que Jesus tem autoridade para julgar (veja 5:27), mas essa não é a ideia principal da passagem em consideração. O verbo traduzido por “julgar” (κρίνω, *krinō*) nesta passagem e em algumas outras significa “condenar”. Ele é usado nesse sentido na afirmação de Jesus: “eu não vim para julgar o mundo, e sim para salvá-lo” (12:47). Tanto aqui como em 3:17, “julgar” (“condenar”) está em oposição a “salvar”. Embora, infelizmente, alguns venham a ser condenados, esse não foi o propósito da vinda de Jesus ao mundo. Jesus veio buscar e salvar os perdidos (Lucas 19:10). É somente “por ele” que o mundo pode ser salvo. Como é característico em João, o termo “mundo” (κόσμος, *kosmos*) é usado três vezes neste único versículo, sem dúvida para efeito de ênfase (veja 1:10).

**Versículo 18.** Jesus veio para trazer salvação a um mundo perdido, oferecendo aos seres huma-

nos a oportunidade de crer nele. Outra construção formada por uma negação e uma afirmação contrasta as consequências de duas respostas opostas: **quem nele crê não é julgado; o que não crê já está julgado.** No segundo caso, o indivíduo **não** precisa aguardar o julgamento final para estar em condenação. Por quê? Essa pessoa **não crê no nome do unigênito Filho de Deus.** O tempo do verbo traduzido por “crê”, *πεπίστευκεν* (*pepisteuken*), é o perfeito, que indica uma ação efetuada no passado que continua até o presente. Sendo assim, o incrédulo rejeitou Jesus e continua a rejeitá-lo. Ao rejeitar a dádiva divina do Filho unigênito, o incrédulo descarta a única esperança que lhe é oferecida, e o resultado disso é sua condenação perante Deus. É nítida a distinção entre os que creem e os que não creem, assim como entre os que são salvos e os que não são salvos.

### A REJEIÇÃO AO NOVO NASCIMENTO (3:19–21)

<sup>19</sup>O julgamento é este: que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz; porque as suas obras eram más. <sup>20</sup>Pois todo aquele que pratica o mal aborrece a luz e não se chega para a luz, a fim de não serem arguidas as suas obras. <sup>21</sup>Quem pratica a verdade aproxima-se da luz, a fim de que as suas obras sejam manifestas, porque feitas em Deus.

**Versículos 19 a 21.** A razão pela qual os incrédulos são condenados é agora o tópico em discussão. João descreveu a resposta negativa (3:19, 20) e a resposta positiva (3:21) à **luz** [que] **veio ao mundo.** A luz veio ao mundo com a encarnação do Verbo (1:9–14). A luz veio para iluminar todos os seres humanos. Jesus disse em 8:12 que ele, de fato, é “a luz”.

Apesar de Jesus ter vindo ao mundo para iluminar todos os humanos, muitos o rejeitaram. Os versículos 19 e 20 explicam por que os pecadores não aceitaram a oferta graciosa da luz. As pessoas rejeitaram a luz porque **amaram mais as trevas do**

**que a luz;** a razão para isso é que **as suas obras eram más.** Muitas pessoas imersas em seus caminhos perversos não tinham a intenção de mudar. Contentaram-se em permanecer nas trevas; desfrutaram do prazer promovido pelo pecado (veja Hebreus 11:25). Multidões sempre serão enganadas pela natureza do pecado. As pessoas carnis simplesmente amaram o pecado; “deleitaram-se com a injustiça” (2 Tessalonicenses 2:12).

Em outras palavras, rejeitaram a **luz** porque a odiaram. João usa “luz” cinco vezes em 3:19–21. Caracteristicamente, “luz” representa o bem, enquanto “trevas” representa o mal. No Evangelho de João, Jesus é identificado como a “luz” (1:9; 8:12; 9:5). Jesus, a luz, veio ao mundo, mas o mundo o rejeitou (1:10). O mundo **aborrece** [“odeia”; NVI] a luz porque ela expõe as **obras** do mundo. É da natureza da luz iluminar um lugar escuro. Os praticantes do mal evitam a luz; não querem que suas obras sejam expostas pelo que são – más. Os que praticam o mal não querem ver **arguidas** as suas práticas, por temerem (veja NVI) a reprovação e terem convicção de sua culpa.

Enquanto os que praticam o mal odeiam a luz, os que praticam a verdade vão até a luz. A luz está em contraste com as trevas (3:19). Considerando que 3:20 diz que “todo aquele que pratica o mal aborrece/odeia a luz”, esperava-se encontrar na frase afirmativa de 3:21 a palavra “bem” contrastando com “mal”. Em vez disso, o contraste se dá entre “aquele que pratica o mal” e aquele **que pratica a verdade.** “Praticar a verdade” significa “agir honrosamente”. Aqueles que praticam a verdade não temem que suas obras sejam manifestas quando **se chegam para a luz,** pois estão agindo honrosamente. Seus atos estão em harmonia com a vontade de Deus. Quem vive assim responde a Deus crendo e obedecendo à verdade que Deus revelou. Quando essa pessoa vai para a luz, pode-se ver claramente que seus atos foram feitos por meio de Deus. Assim, essa pessoa não é considerada justa mediante obras humanas de justiça, e sim mediante a justiça de Deus.

Autor: David Lipe  
© A Verdade para Hoje, 2021  
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS